

O Camabarro

TUDO PELA LIBERDADE

ANNO X

DIRECTOR -- PAULLINO VARES

N. 744

Republica Oriental do Uruguay

segunda

Rivera, 21 de Fevereiro de 1893.

DIPLOMACIA

(Jornal do Commercio, do Rio)

A carta de Buenos Ayres que hontem publicamos sobre a conferencia ali realisada entre o Sr. presidente da Republica submeridional e o general Piragibe, revela da parte d'aquele a mais completa ausencia da diplomacia, para não dizer do sentido commun.

Nos informa aquella missiva que o nosso ministro declarou ao general Piragibe haver o Sr. presidente da Republica submeridional o seu manifesto de 15 de Novembro á critica do seu antecessor, quem oito vezes o revisou.

Podemos assegurar que é absolutamente inexacto isso e, qualquer que seja o acerto ou desacerto desse documento, elle não foi visto pelo ex-presidente da Republica. O Sr. Prudente de Moraes o publicou como julgo mais conveniente, de accordo com a sua opinião pessoal e com as circunstancias politicas a que devia attender.

Parece inconcebivel que um representante diplomatico, ainda que seja com o proposito de obter as sympathias de um adversario em armas, trate de justificar desse modo os actos do governo que representa.

Auò, sem embargo, não nos surpreheendo nenhuma inconveniencia praticada pelos nossos ministros no Rio da Prata.

As legações brasileiras nasquellos paizes, são nossos postos diplomaticos de maior importancia, pela somma de interesses que temos a zelar acerca de nosos vizinhos.

Além dessa razão politica o internacional, se aggrega no momento que a revolução rio-grandense mantém ali ha trez annos uma situação delicadissima, perturbada ás vezes pelo pronunciamiento de incidentes de certa gravidade.

Pois bem; quando tudo aconselhava que os nossos interesses fossem ali vigiados pelo que a nossa diplomacia tem de mais fino no valor intellectual e moral e em habilidade profissional, o genio não inspirador da politica que findon, nos entregou em mãos de dois partidarios atrabillarios, interessados individualmente nos excessos da guerra civil e sem a moderação e a calma necessarias ao manejo de questões delicadas.

Postos de difficuldades especiaes que, em situações dificeis, o imperio confiou á fina flor dos seus estadistas, a Rio Branco, Cotegipo, Saraiva e Octaviano, foram entregues a um medico obscuro do provincia, celebrado pelo excesso de suas paixões, e a outro joven exaltado, sem nenhum preparo, que quando

multo poderia ser secretario da legação com um chefe competente o trabalhador.

O Sr. Abbott é novo na carreira e o paiz verá a continuação de seus feitos. S. Ex. está destinado a secundar os esforços do Sr. Victorino Monteiro, cuja permanencia em Montevideo é uma ameaça constante á cordialidade de nossas relações, á manutenção da especial amizade que nos liga á Republica do Uruguay.

Mais de uma vez S. Ex. por seus desacertos, tem causado manifestações populares contra a nossa legação e ainda agora estão bem vivas as impressões dos ultimos successos da fronteira, agravadas pelas inconveniencias diplomaticas do nosso representante.

Constantemente nos chegam do Rio da Prata informações fidedignas e reclamações insustentáveis contra a conducta do Sr. Victorino Monteiro e ha bem pouco nos escreveren dali o Sr. Wolfe, correspondente do *New York Herald*, que tantas sympathias e considerações especiaes revelou pelo passado governo, dizendo nos que a permanencia de S. Ex. na capital uruguaia é contraria ao bom nome do Brazil, pois que o seu proceder é o de quem estimula e encoraja a continuação da guerra civil com seu cortejo de difficuldades e sacrificios.

Não será já tempo de que o governo attenda aos nossos interesses no Rio da Prata, entregando as nossas legações das quella parte da America á quem saiba e possa elevar o nome brasileiro?

RAIO DE LUZ

(Do Correio da Tarde, do Rio)

Em meio das trevas que envolvem o futuro do Rio Grande do Sul parece despontar um raio de luz benfiteira, conduzindo uma esperança para a felicidade daquelle povo.

A consoladora noticia de que é possível a confraternização dos valentes filhos dos pampas, despartará n'alma de todos os bons brasileiros uma alegria genuina e patriótica, um desses jubilos que experimente toda aquelle que estremece pela felicidade de sua patria.

Embora não tenhamos fundamental motivo para desde já enviar os nossos fervorosos parabens á familia rio-grandense, em todo caso já nos accorda o regozijo esse pallido lampejo de paz que transluza por entre as agitações preparatorias da annunciada invasão.

So até poucos dias não havia a mesma coisa que denunciase qualquer intuito em favor da precisa conciliação rio-grandense.

se, já agora ha o que quer que seja para effectividade dessa grandiosa idéa, pela qual temos empenhado os nossos esforços e continuaremos a pugnar até que vejamos o povo rio-grandense unido e forte, cooperando connosco pelo levantamento da patria, sob o influxo poderoso da verdadeira liberdade!

O caminho que tem o governo a seguir para chegar ao ponto terminal de sua missão não pôde ser outro senão aquelle que tem como ultimo marco a paz do Rio Grande do Sul. Sem ella, é nossa crença que o novo governo verá levantar-se diante de si ameaçadoras difficuldades e que para conjural-as talvez lhe faltarão as forças.

Temos razões para aconselhar ao governo a aggrimação de toda a familia rio-grandense, principalmente porque queremos ver a Republica consolidada, e depois para a perfeita estabilidade do governo, da qual depende a nossa felicidade futura, pela impossibilidade da enthronisação de uma segunda tyrannia.

A paz do Rio Grande se impõe á nova situação. como principio salvador da Republica, e nos garante para a tranquillidade de todo o povo e como coherencia aos principios legaes que inaugurou se a politica do governo do Dr. Prudente de Moraes.

Não se pôde admittir que em uma phase como esta, caracterizada pela restauração da lei, ennobrecida pelo restabelecimento das garantias, glorificada pelo exercicio pleno da liberdade, se mantenha de pé uma luta que tem por origem as oppresses da tyrannia contra os direitos civis de um povo, cujas tradições nos ensinam que o seu palladio foi sempre a liberdade!

Si a época da escravisação sanguinaria é passada, si o despotismo já se sepultou nos escombros das proprias ruínas que cavou, como é possível que se continue a derramar o sangue dos heroicos rio-grandenses, em proveito de um só homem?

Peracaso vale elle mais do que tantas vidas que têm sido sacrificadas barbaramente?

Vale a pena que pelo seu governo assassino se façam tantas misérias, tantas desgraças, tantos horrores?

Que grande benemerito é Julio de Castilhos para que em seu interesse se desgraçe um Estado inteiro, se distribua tanto dinheiro e até se ponha em risco a consolidação do regimen?

O governo faça a paz do Rio Grande para que profundamente accentuado fique que hoje já não é o canhão que se impõe com a brutalidade de sua violencia, é a lei que garante o direito, é a necessidade de fazer da Republica um regimen feliz e abençoado por todos os brasileiros.

A guerra, quando não é o meio extremo do desespero em defeza de uma causa santa, é o espectáculo que só agrada ao perverso, ao carraço que se alegra com o borbulhar do sangue, ao algôz que se embriaga nas exaltações do cadaver.

Nós acreditamos que a tyrannia, que parece ter feito um pacto com a morte para povoar os cemiterios, cedeu o lugar ao poder da lei e da salvação publica. E sendo assim, bem haja aquelle que vai levar a felicidade ao seio de um povo opprimido.

Bem haja a paz que começa a despontar no horizonte negro da patria rio-grandense, como um raio de luz abençoada e santa.

FUZILAMENTOS!

(Do Apostolo, do Rio)

DESMINTAM SE SIO CAPAZES

O paiz inteiro tem visto o está vido, que o ultimo recurso, o recurso desesperado d'O Paiz, do *Diario de Noticias*, d'O *Seculo*, digno successor d'O *Tempo*, e dos ultimos e anonymos corripheus e emplices da terrivel legalidade, não é contestar os horrores que se tem descoberto o hão do descobrir sabe Deus até quando; não é justificar as crueldades, já não é tambem chamar *sebastianistas* os poucos que defendem os direitos da justiça e da liberdade, mas insultar cynica o desbragadamente, e até espancar nas ruas os jornalistas e ameaçar de assaltos as officinas typographicas.

Isto sómente prova que estão em desespero a situação, ouvindo maldições por toda parte, aquelles que tiveram as vacas gordas da legalidade e são réos hoje do sangue de seus irmãos assassinados em nome da legalidade.

Réos, malvados, que abusando do nome de patriotismo e liberdade saciarão seis instintos ferozes e deshumanos, venham á barra do tribunal e ençam; na ilha do Boqueirão foram fuzilados, segundo nos communicam, os seguintes irmãos nossos:

1º Mestre do corpo de officiaes marinheiros José Martins de Santa Anna, natural do Sergipe; era mestre da fortaleza do Willegaignon.

2º Sargento do corpo de marinheiros nacionaes José Gonçalves de Carvalho, natural do Espirito-Santo.

3º Sargento do referido corpo Germano da Costa, natural da Bahia.

4º Sargento do referido corpo João Francisco da França, natural do Pernambuco.

5º Sargento Manoel Pinto Pessoa, natural da Parahyba.

1º sargento do batallão naval e corneteiro-mór Antonio José Lopes, natural do Rio Grande do Norte.

2º sargento do referido batallão José Elias, natural do Masciô.

2º sargento do dito Abel do Souza, natural do Rio de Janeiro.

1º sargento do dito batallão e alferes em commissão Luiz Benedito, natural do Pernambuco.

A relação nominal dos demais inferiores, cabos e soldados navaes, marinheiros epaisanos, enviarei depois que completar.

E nos communicam mais:

Quando as forças legaes tomaram conta da ilha das Encas das, o capitão Mauricio e o tenente Castro Soromenho organizaram oito companhias dos marinheiros alli destacados; mais tarde, porém, uma das companhias (2ª) reclamou a etapo da farinha, porque em extremo era uma miséria, não chegava a 0,10 para cada praça, e como providencia o capitão Mauricio escolheu 22 das praças, castigou-as com 100 pranchadas e remetteu-as para o presidio da ilha das Cobras, indo dias depois buscal-as remetteu-as para a ilha do Boqueirão, onde foram fuziladas.

Dos marinheiros nacionaes que cumpriam sentença na ilha das Cobras, escaparam 2, isto é, cumpriam sentença antes da revolução de 6 de Setembro, com excepção dos dois de que fallei acima, foram todos fuzilados; os nomes dos dois são—Bronze, que é praça do 12º de infantaria no Rio Grande do Sul, e Marias no, que tambem é soldado chegado hontem do norte.

Outro que me ia escapando de mencionar: 1º sargento do corpo de marinheiros nacionaes José Ferreira Mariz, natural do Maceió.

Rio de Janeiro, de 1893.

Temos mais a seguinte communicação:

A' muito digna redacção do *Apostolo*:

Seis emissarios de Deus. E' ainda a voz delle que desperta em vós com mais afan, o sentimento mais puro e nobre — o da defeza pelos fracos...

Todas essas vidas roubadas talvez ficassem esquecidas no silencio do tumulo, se não fosse esse órgão catholico que não tendo nada a temer, só procura vingar os crimes malfeitores da legalidade acunhada de remorsos!

Sendo a vossa missão a justiça rogo vos dar noticias do guariadio da armada Rodrigues Alves Brazil, preso em Paqueta pela legalidade. Seria uma das victimas enterradas vivas? Sua familia e parentes aguardam vossa resposta.

Mas nós? Somos nós que havemos de dar a noticia, nos que

fomos suspensos e victimas silenciosas do estado do sitio?

Ha, porém, quem vivendo em intimidade com as heroicas forças legaes, quem gozando do privilegio de tudo saber, o dia a dia noticiando as menores peripécias, pôde e deve por patrio tismo e para continuar a bem servir ao povo, dar completas informações, e dizer o paradeiro dos infelizes: é O Paiz e o *Diario de Noticias*.

Mas vão esperando: elles responderão como seu bom irmão Caím: — Por ventura sou eu guarda de meu irmão Abel?

A TRAGEDIA DO PARANA'

(Do Jornal do Commercio, do Rio)

Pouco a pouco vai sendo corrida a plumbca cortina que o estado de sitio com as suas dilatações, os seus encarceramentos e as suas execuções, angustiava o Brazil, occultando á opinião nacional e ao mundo civilisado os arbitrios e os horrores que um outro conseguia ver e denunciar. Taes têm sido porém as acusações que vão apparecendo, ora do ex-ministros, ora de testemunhas oculares, que os mais convencidos de que em dictadura tudo é permitido de mão, tudo é licito presumir, hesitam em dar credito a revelações que, se annunciassem a verdade, seria, a degradação do nosso Brazil baixado ao nivel das mais sangrentas tyrannias de que este continente tem sido scenno theatro. A razão, o sentimento da cordura dos costumes brasileiros, a tradicional segurança do povo no acatamento das leis e no respeito á vida e á propriedade dos cidadãos, repugnaram a accettazione immediata dessas denuncias, de tão horribes revelações, mas os factos se impoem e as denuncias dos attentados continuão a ser dadas da parte de alguns dos seus executores ou emplices.

Os socios do crime se denunciam uns aos outros. E' preciso conhecê-los todos.

Desde mezes que nos chegão dos Estados do Sul lugubres noticias. Dalli se tem dito para o Rio da Prata e para esta capital que com affronta da lei e da nossa civilisação, cidadãos innocentes ou criminosos politicos haviam sido passados pelas armas dos vencedores em nome do Vices-Presidente da Republica o o que é mais horrivel, por ordem do primeiro magistrado da Republica e guarda das instituições livres que ella proclamou.

Davidon se da verdade dessas prescripções de Octavio preparando a clemencia de Augusto na subserviencia do terror; entendem-se que a paixão politica mais uma vez ia até a calumnia e que as autoridades federaes

tal não fôrto nem por sangue-
relimosa de sua própria ini-
ciativa, nem por obediência a
ordens não menos criminosas
dos seus superiores.

O vao vai sendo corrido e mu-
ltos desses horrores estão sendo
provados á evidencia.

No Paraná, foram trucidados
cidadãos suspeitos, porquena sus-
peição no estado do sítio era cri-
me, como n'aquelles tempos do
Oetavio, como no tempo da Con-
venção; e outros salvarão a vi-
da pela briga do seus persegui-
dores.

E um d'ellos que o affirmo e
diz ter prova documental.

E' conhecido o papel que o
coronel Lacerda representou na
campanha do Paraná em influen-
cia desaeal politico com o ex-
Vice-Presidente da Republica
que o admitto até na sua casa
militar. Esse Sr. coronel Lacer-
da, que pleiteava o anno passa-
do o eleição n'aquelle Estado e
que pleiteava este anno, e
necessario por seu antigo compa-
nheiro e amigo de legalidade, e
de haver recebido no Rio de Ja-
neiro ordem escrita do matar,
fuzilar ou que melhor nome de
essa gente de estado do sítio, ao
morteio — muitos cidadãos,
uma senhora solteira e pais com
os filhos, na cidade da Lapa.

A denuncia do crime é dada e
rescindida pelo Sr. Chagas. Pe-
reira na Republica, oco official
do governo do Paraná, do 10 de
Janeiro, nestes periodos do artigo
que n'aquelle dia publicou:

"Ao Sr. Lacerda arremeo a
mascara e mostro a cara homiei-
da.

O motivo de mandal-o assassi-
nar não foi só a fiscalisação das
mesas eleitorais, foi tambem o
recio de chamarche á Justiça
por ter em Julho do anno passa-
do no Rio de Janeiro me entre-
gue no a li ta contendo 22 nomes
de individuos que devião ser fus-
zillados.

Aqui chegando, receioa que
na vntade se realizasse, ocul-
tei a lista e apresentei a carta
que trazia ao Sr. general Ever-
ton Quadros, o qual deu-me uma
outra de recommendação ao Sr.
coronel Santos Dias (que ainda
achava-se em meu poder) afim de
auxiliar-me no que desejasse.

Aproximava-se allora de re-
cuar e assim aconteceu.

Segui para a Lapa e lá prete-
xi molestia.

A alguns sctenidos pelo Sr.
Lacerda, que com a consciencia
tranquilla passejavão pelas ruas
daquelle cidade, nellelha fu-
ga.

E' a esses mesmos que o des-
mascarado Lacerda agora pede
votos!

Eis a lista:

Dr. Manoel Pedro, Dr. Joa-
quim Paula, Francisco Braga,
Luiz Braga, Euphrasio de Si-
queira Cortes Filho, Josino Sa-
lacio, João Maximiano, Manoel
Cardoso, João de Deus, D. An-
tonio Cunha, Manoel Cunha, Nho-
zinho Cunha, Benedito do Pas-
so, Joaquim Corrêa, Jorge Var-
gas, Bernardino Monteiro, Be-
nedito Theodoro, Alexandre Schel-
lo, Honorato de Anhaia, Vieto-
rino pharmaceutico e Coronel
Manoel Pacheco.

Saiba o Paraná e pasmo!

Desejo que esse famigerado
sangunario, chame-me á respon-
sabilidade afim de provar o li-
bellio que estampo com minha
assinatura.

Curitiba, 8 de Janeiro de 1895.
— Cheque Pereira.

A denuncia não pôde ser mais
formal, e repto ao Carriér para-
naense é completo. Parece-nos
que cabia á justiça federal ou á
justiça estadual do Paraná co-
nhecer pelos meios de direito do
crime e dos criminosos.

Aquelles assassinatos têm
titulos especiaes para a impuni-
dade legal? Aquellas taboas do
proscripto estado do Paraná co-
nhecem para os seus portar-
dores e executores?

REVELAÇÕES CURIOSAS

(Do Jornal do Commercio, do Rio)

Sab este titulo transcrevemos
do dia 8, da *Gazeta de Noticias*,
dois dos artigos da série em que
o Sr. Dr. Felisbello Freire, de-
fendendo-se de certas acusações
que lhe têm sido irrogadas sobre
o negocio das loterias, allega que
a má vontade revelada contra
elle, como ministro da Fazenda
do Sr. marechal Floriano Peixoto,
é devida á *outras causas*, que não
são, ostensiva, das loterias, a
saber: as suas opiniões a pres-
peito de questões que se foram
agitando, e a "regimen de des-
tações e expulções, que reinou no
lamaraty nos dias da revolta. E
destas questões, continúa o ex-
ministro, a mais importante, a
que mais acritico o *chefe de cir-
co*, foi sem duvida a da *deição pre-
sidencial* de 1º de Março.

Passa então o Sr. Dr. Felisbel-
lo Freire a narrar como procedem
nestes particulaes. Segundo o que
diz, em Abril de 1893, já minis-
tro, elle foi procurado pelo sena-
dor Cunha que, os leitores se
lembrarão, merecia a confiança
pessoal do Sr. marechal Floria-
no e chegara do Salonde desem-
penhara uma commissão delicada
e confidencial.

O Sr. senador, diz o ex-minis-
tro, que tambem n'aquelle tempo
merecia toda a confiança do seu
chefe, "buscou ouvir a minha
opinião sobre o processo cons-
titucional de uma revisão do ar-
tigo da Constituição que prescre-
ve a incompatibilidade do presi-
dente da republica no seguinte
quatrienio." O Dr. Felisbello ex-
plicou que "unico ponto difficil",
era que a Constituição exigia duas
legislações e não havia tempo
para isso. "Em todoocaso," acen-
ta tambem o illustrado consis-
titucionalista, "poderia haver o
recurso de uma convocação ex-
traordinaria em Janeiro de 1894,
para que, antes do fim da mes-
midade, a questão se resolvesse. Che-
guei mesmo a elaborar um *esboço*
de *projeto de doutrina sobre cons-
tituição*, se não estou enganado...
O movimento reallou de 6 de Se-
ntembro inutilizou q'quã realis-
ação deste plano."

"Mas é realmente estranhavel
que um homem intelligente, que
se diz patriota e republicano, que
é tão versado sobre a Constitui-
ção da republica e B e e estuda
tanto as de outros paizes, con-
fesso que *deito* Sr. senador Cu-
nha Junior *essa opinião*, em que
procurou litteralmente atraiçar
a mesma republica collocando a
e por esse modo, *deito* do *jogo*
fervor de quem *já n'aquelle tem-
po, desprezava a* *abertamente* *Constitui-
ção e os leis*." (Marechal Floria-
no.)

Verificamos que o Sr. Dr. Fe-
lisbello Freire entrou para o mi-
nistério no dia 23 de Abril; e el-
le diz-nos que as propostas do
Sr. Cunha Junior lhe foram apre-
sentadas — havia poucos dias.

Rio Grande

Respondendo a um artigo do
Poiz, o nosso illustrado allega
do *Jornal do Brazil* diz o se-
guinto que, como se relaciona
com os negocios do Rio Grande,
julgamos conveniente archivar:

"E o que foi, afinal, a revolu-
ção do Rio Grande? Não foi uma
luta titanica pela autonomia do
Estado? Não foi um protesto
sangrento, tremendo, pela libe-
dade de seus filhos e contra a
intervenção do poder da União?
Qual o dever do passageiro da
não?"

"Estava indicada: em vez
do favorecer a força (falamos
sempre antes da revolta) e a
força era o marechal Floriano,
elle devia alentar o direito. Se a
imprensa brasileira, ainda n'um
brado misimo pelo direito, qui-
zesse, em vez de attender aos
proprios interesses, evitar "á
Republica transes bem afflicti-
vas, manter impolluta a nossa
carta fundamental, ludibriada
tristemente por uma sophisma-
tica do sobranço popular, que
só se affirmava á bayonetada e á
espingarda, "devera evidentes
mente accusar ao governo do
então outra politica no Rio Gran-
de, em vez de sacrificar tantos
brazileiros á ambição de um ho-
mem, cuja posição no governo
do Estado do Rio Grande não se
manteve nem se mantem senão
encuado nas referidas bayone-
tadas da União, que o *Poiz*, nas
linhas que citamos, chama triste
sophisticacão da soberania popu-
lar."

Ficamos agora sabendo que
justamente quando o Sr. Castilho
de Mello occorreu o marechal vi-
ce-presidente do querer esmagar
o Rio Grande do Sul para *fin*
que não legitimas e leges; quando
o *accusado* de *fougar* *corde* *os*
*papeis importantes a seus minis-
tros*, de fazer um governo *total*
personal e arbitrario e de ter
como agentes de compras em Mon-
tevidéo um *extrangeiro amigo* do
Sr. Castilho, e interessado na
prolongação da guerra; e quando
o Sr. Serzedello se retirava pelo
motivo, *inter alia*, de não poder
sustentar os *compromissos* des-
regrados que se faziam, — a esse
mesmo tempo se *unio*, *entre os*
amigos do Sr. marechal, com
a *força* *eleger presidente da repub-*
lica mudando-se a constituição
do modo suggerido pelo ministro
de Estado, o Sr. Dr. Felisbello
Freire, — moda que elle mesmo
explicitou e que nemham homem
cordato classificaria como digno
de um povo livre ou que se pre-
ze.

Conta mais o Sr. F. Freire
— ainda ministro e propugnador
acritico do adiamento do con-
gresso durante o estado do sítio
!!! — aconselhava que o vice-pre-
sidente *lutar* *resignasse* o *po-*
der, caso não fosse approved o
projeto respectivo, proposto na
camara pelos Srs. Alcindo Gua-
nabara e Franga Carvalho: "os
elementos perturbadores da noda
foram *caído* *os* "Tros dias da
anarchia", depois dos quaes
reestoraria triumphante e glorioso
o Sr. marechal Floriano Peixoto,
como o Salvador, o Messias, da
republica e da ordem, e tambem
talvez como *dictador* *titulido*
desse nosa patria."

"E' facto, porém, confessado
por S. Ex. que aconselhava me-
nos para se emendar a constitu-
ção, afim de se *fazer* *relegit* o Sr.
marechal Floriano Peixoto, nas
circunstancias já mencionadas,
achando nisso "um unico ponto
difficil", e dizendo que *SO* "o
movimento reallou de 6 de Se-
ntembro inutilizou q'quã realis-
ação deste plano."

As proprias folhas governistas
se empenham do *confimar* as
noticias que já demos sobre os
triumphos obtidos pelos revolus-
cionarios em S. João do Monte
Negro, Santo Antonio da Patrul-
ha, Gravatahy, Encantado, S.
Leopoldo, S. Lourenço, Pirati-
nyim e Canguçu.

No dia 10 do corrente, na es-
tação Piratiyym, contingentes
das forças libertadoras bati-
ram uma força governista de 150
homens que guarnecia aquella
Estação.

A estação era o grande depo-
sito de munições de guerra e bu-
ea que tinha o governo na esta-
da de ferro; tudo foi tomado e
levado pelos vencedores, mais
uma boa cavallada.

Toda a guarnição foi captu-
rada e depois declarada livre,
não tomados-se mais que as ar-
mas, espadas e cintos dos offi-
ciaes.

Coronel Sampaio
O nosso collega da *La Razón*,
bem informado sempre sobre os
negocios brazileiros, diz que o
coronel João Cezar Sampaio se-
rá destituido do commando da
sua divisão para occupar o car-
go do chefe do estado-maior do
general Moura.

Substituirá o coronel Sampaio
no commando da divisão, o co-
ronel Claudio do Amaral Sara-
get.

Enos aqui tão perto e o Sr.
Sampaio não nos dizia nada!
Ingrato!

Imprensa

Temos o prazer de acusar o
recebimento do primeiro nume-
ro d' *A Lucta*, nova folha politica
e noticiosa que começou sua pu-
blicação em Alvear.

Parabens ao illustre confrade.

Entrou no seu 30º anno de
existencia *O Apostolo*, valente e
criticoa folha que se publica
no Rio de Janeiro.

Trinta annos da existencia
do Estado do Rio Grande não se
manteve nem se mantem senão
encuado nas referidas bayone-
tadas da União, que o *Poiz*, nas
linhas que citamos, chama triste
sophisticacão da soberania popu-
lar."

Parabens ao illustre confrade.

Coronel Faundo
Já deve ter embarcado para o
Rio de Janeiro, no transporte da
guerra *OSIRIS*, o nosso distincto
e illustre correlligionario Sr. co-
ronel José Faundo da Silva Ta-
vares.

Vai ser apresentado ao Supre-
mo Tribunal de Justiça.

Porque relucta?...
Já fizemos saber aos nossos
leitores que o Sr. Dr. Victorino
Monteiro telegraphára ao gover-
no que representa pedindo exo-
neração do cargo que exerce; e a
resolução do Sr. Victorino pare-
ce inabalavel e, tanto assim, que
chegou a dirigir uma nota ao go-
verno, oriental scienciando-lhe
que não era mais o representante
do Rio em Montevideo.

Pois bem: o governo do Sr.
Prudente de Moraes, fundado não
sabemos em que razões, recusou
conceder a demissão solicitada
pelo Sr. Victorino, tendo este de
reiterar o seu pedido, no qual,
até a hora em que escrevemos,
não foi dada solução.

Porque relucta o Sr. Prudente
de Moraes em despedir o Sr. Vi-
ctorino do m cargo que este não
quer mais desempenhar, segundo
revela nos seus reiterados pedi-
dos de exoneração?

Não haverá no Brazil, ao lado
do Sr. Prudente de Moraes, um
homem que, com mais sautagem,
mais criterio, mais compen-
sacia, mais honrabilidade do
Sr. Victorino Monteiro, venha
representar a patria brasileira
na Republica Oriental?

Não o acreditamos, mas sim
nos convenemos cada vez mais
de que o Sr. Prudente de Moraes
preciza do estirros como o Sr.
Victorino para a realisacão de

No dia 12 chegaram a Bagé
mais de 40 feridos da columna
de Quinca Telles que, como já é
sabido, foi *se rido* pela heroica
divisão do bravo general Guer-
reiro Victorio.

Telegrapha de Porto Alegre
para o *Jornal do Brazil*, do Rio,
diz que forças revolucionarias
atacaram a villa de S. João do
Camaquã.

A guarnição da villa offereceu
fraca resistencia durante algum
tempo, mas não pôde conservar
a posição.

Houveram mortos e feridos da
força governista.

Temos o prazer de acusar o
recebimento do primeiro nume-
ro d' *A Lucta*, nova folha politica
e noticiosa que começou sua pu-
blicação em Alvear.

Parabens ao illustre confrade.

Entrou no seu 30º anno de
existencia *O Apostolo*, valente e
criticoa folha que se publica
no Rio de Janeiro.

Trinta annos da existencia
do Estado do Rio Grande não se
manteve nem se mantem senão
encuado nas referidas bayone-
tadas da União, que o *Poiz*, nas
linhas que citamos, chama triste
sophisticacão da soberania popu-
lar."

Parabens ao illustre confrade.

Coronel Faundo
Já deve ter embarcado para o
Rio de Janeiro, no transporte da
guerra *OSIRIS*, o nosso distincto
e illustre correlligionario Sr. co-
ronel José Faundo da Silva Ta-
vares.

Vai ser apresentado ao Supre-
mo Tribunal de Justiça.

Porque relucta?...
Já fizemos saber aos nossos
leitores que o Sr. Dr. Victorino
Monteiro telegraphára ao gover-
no que representa pedindo exo-
neração do cargo que exerce; e a
resolução do Sr. Victorino pare-
ce inabalavel e, tanto assim, que
chegou a dirigir uma nota ao go-
verno, oriental scienciando-lhe
que não era mais o representante
do Rio em Montevideo.

Pois bem: o governo do Sr.
Prudente de Moraes, fundado não
sabemos em que razões, recusou
conceder a demissão solicitada
pelo Sr. Victorino, tendo este de
reiterar o seu pedido, no qual,
até a hora em que escrevemos,
não foi dada solução.

Porque relucta o Sr. Prudente
de Moraes em despedir o Sr. Vi-
ctorino do m cargo que este não
quer mais desempenhar, segundo
revela nos seus reiterados pedi-
dos de exoneração?

Não haverá no Brazil, ao lado
do Sr. Prudente de Moraes, um
homem que, com mais sautagem,
mais criterio, mais compen-
sacia, mais honrabilidade do
Sr. Victorino Monteiro, venha
representar a patria brasileira
na Republica Oriental?

Não o acreditamos, mas sim
nos convenemos cada vez mais
de que o Sr. Prudente de Moraes
preciza do estirros como o Sr.
Victorino para a realisacão de

Coronel Sampaio
O nosso collega da *La Razón*,
bem informado sempre sobre os
negocios brazileiros, diz que o
coronel João Cezar Sampaio se-
rá destituido do commando da
sua divisão para occupar o car-
go do chefe do estado-maior do
general Moura.

Substituirá o coronel Sampaio
no commando da divisão, o co-
ronel Claudio do Amaral Sara-
get.

Enos aqui tão perto e o Sr.
Sampaio não nos dizia nada!
Ingrato!

Um plano politico que, se fôrto
executado, trará talvez dias mais
amargurados, se é possível, ao
desventurado estado rio-gran-
dense.

Apesar de tudo quanto se es-
crevo o se diz á respeito das
boas intenções do Sr. Presiden-
te da Republica quanto aos ne-
gocios do Rio Grande, o que é
fôra do duvida é que os actos de
S. Ex. demonstram á evidencia
que o Sr. Prudente de Moraes
pensa ao inverso do que apro-
veiam todos quantos, animados
de intenções que respeitamos,
pagam pela pacificação do Rio
Grande.

Quo occasio mais azada, mais
propicia, para o Sr. Prudente de
Moraes deixar transcurrer os
seus bons intuitos sobre o Rio
Grande, do que esta que lhe of-
fereceu o Sr. Victorino Monteiro?

Porque não accitio o gover-
no o pedido de demissão do im-
berbe e desfructavel diplomati-
co, quando isso seria um passo
dado para a conquista de uma sa-
e pacificacão politica interna o
externa?

Porque relucta o governo?
Arranque a venda os homens
bem intencionados e emerguem
a realidade e o Sr. Prudente de
Moraes quer, como o Thierio ca-
bilho, esmagar o activo Rio Gran-
de...

Parabens ao illustre confrade.

Entrou no seu 30º anno de
existencia *O Apostolo*, valente e
criticoa folha que se publica
no Rio de Janeiro.

Trinta annos da existencia
do Estado do Rio Grande não se
manteve nem se mantem senão
encuado nas referidas bayone-
tadas da União, que o *Poiz*, nas
linhas que citamos, chama triste
sophisticacão da soberania popu-
lar."

Parabens ao illustre confrade.

Coronel Faundo
Já deve ter embarcado para o
Rio de Janeiro, no transporte da
guerra *OSIRIS*, o nosso distincto
e illustre correlligionario Sr. co-
ronel José Faundo da Silva Ta-
vares.

Vai ser apresentado ao Supre-
mo Tribunal de Justiça.

Porque relucta?...
Já fizemos saber aos nossos
leitores que o Sr. Dr. Victorino
Monteiro telegraphára ao gover-
no que representa pedindo exo-
neração do cargo que exerce; e a
resolução do Sr. Victorino pare-
ce inabalavel e, tanto assim, que
chegou a dirigir uma nota ao go-
verno, oriental scienciando-lhe
que não era mais o representante
do Rio em Montevideo.

Pois bem: o governo do Sr.
Prudente de Moraes, fundado não
sabemos em que razões, recusou
conceder a demissão solicitada
pelo Sr. Victorino, tendo este de
reiterar o seu pedido, no qual,
até a hora em que escrevemos,
não foi dada solução.

Porque relucta o Sr. Prudente
de Moraes em despedir o Sr. Vi-
ctorino do m cargo que este não
quer mais desempenhar, segundo
revela nos seus reiterados pedi-
dos de exoneração?

Não haverá no Brazil, ao lado
do Sr. Prudente de Moraes, um
homem que, com mais sautagem,
mais criterio, mais compen-
sacia, mais honrabilidade do
Sr. Victorino Monteiro, venha
representar a patria brasileira
na Republica Oriental?

Não o acreditamos, mas sim
nos convenemos cada vez mais
de que o Sr. Prudente de Moraes
preciza do estirros como o Sr.
Victorino para a realisacão de

Coronel Sampaio
O nosso collega da *La Razón*,
bem informado sempre sobre os
negocios brazileiros, diz que o
coronel João Cezar Sampaio se-
rá destituido do commando da
sua divisão para occupar o car-
go do chefe do estado-maior do
general Moura.

Substituirá o coronel Sampaio
no commando da divisão, o co-
ronel Claudio do Amaral Sara-
get.

Enos aqui tão perto e o Sr.
Sampaio não nos dizia nada!
Ingrato!

BISBILHOTICES

Assim como nos enviaram, as-
sim publicamos, estes ligeiros
apontamentos fornecidos pela
indifferença de alguns amigos
do castilismo que, na vizinha
localidade, vivem unidos como
o cão com o gato.

São uns *Atitulos* curiosos que
devem ser trazidos á publico pa-
ra que se avalie bem do grão do
decomposição a que chegaram
duas entidades em vias de com-
pleto esphacelamento — o exor-
cito e o castilismo.

Aqui vão os apontamentos: a
Soldados do exercito, prin-
cipalmente da divisão Sampaio,
usam o distincto — *foronista* —
bordado no peito da blusa.

Ataliba Gomes, recebe-
do a visita de um amigo, e refe-
rindo-se ao exercito de linha,
qualificou-o de "CANALHA E
SEM VERGONHA."

Cordeiro Martins diz que
o maior erro que commettera em
sua vida foi o de envolver-se na
revolução, porém, hoje compre-
hende que o exercito é que ma-
is o que isso não pôde con-
tinuar.

Pedro Simões dissêra ha
poucos dias que breve teriam
que nã-se *repudiar* *os* *fele-*
ras para batiarem o exercito que
este era uma corporação des-
brida que estava ensoberbecida
e anarchizada, e que era neces-
sario tiral-lhe o predomínio.

Não aluquo campestre,
um affres, pronunciando um
discurso, dissêra que o exercito
havia humas para occupar to-
das as posições e que a nação
não precisava do mais ninguém
para dirigir e governar, que o
exercito faria tudo... (Oreute-
coronel Paula Castro chamou á
ordem o tal affres e o declarou
solemnemente que *se chegasse*
se dia — do exercito dominar —
elle despiria a farda e estaria ao
lado do povo para ajudar a pu-
gar por seus direitos. Não acha
o Sr. Paula Castro que já era
tempo de fazer o que diz?

O Balharaz está furioso
com o Sampaio porque este or-
denou que todo o gado que fosse
encontrado em transitio do
Brazil para o E. O. fosse conduzido
para o acampamento para con-
sumo da força. — Balharaz foi
reclamar de Sampaio, allegando
que a sua repartição estava au-
torizada a expedir guias do ex-
portação de gados e que a ordem
de Sampaio o desautorava e des-
moralizava, e que se Sampaio
não revogasse sua ordem, elle
Balharaz ia queixar-se ao Go-
verno de Porto Alegre.

Sampaio respondeu-lhe mui-
to calmo: "A ordem está
dada e hade cumprir-se e eu
pouco me importa que você se
queixe até ao Bispo."

O Dr. Campos foi porta-
dor de uma carta do Juca Ven-
taura para o filho (Dr. Simões) na
qual dizia que depois de muitas
instancias dos amigos o general
Hypolito havia resolvido con-
tinuar servindo os Castilhos — Que
Hypolito ainda muito desgostoso
com o exercito de linha, que
grande parte de officios de Hy-
polito andam zangados com es-
te.

Existencia Gôes ameaçada.
Telegraphamos presidente. Go-
vernistas e secundarios planos re-
metto força. Não temos garan-
tias legaes. — *Rogo Mello* — *Lou-*
reira. — *Rocha Cavalcante*. — *Me-*
ssias.

S. LUIZ DO QUITUNDE, 3.
Força estadual derrubou por-
tas recbedoria municipal e es-
tragou moveis. A cidade está
alarmada e reina grandes desor-
dens. — Presidente do conselho
municipal, *João Fernandes*. — In-
tendente, *José Pedro*.

Um monstro
Acha-se ha dias no Livramen-
to, o CLEBRE *Accedinho*
dentista, AUTOR da monstruosa
tentativa de ASSASSINATO
contra o pacifico e honrado ci-
dadão Ernesto Paiva, reduzido á
cegueira em consequencia dos
ferimentos que recebeu.

O celebre BANDIDO Aze-
vedo anda, ao que se diz, em
muito *confidencia* do governo
aclamado pelos galés da caçêa
do Porto Alegre, do qual é *pre-*
sidente *Sr. Julio de Castilho*; *for-*
onista.

Novo annuncio
Para o que publica em outro
lugar desta folha o commercian-
te desta praça Sr. João B. Ma-
gnone Filho, chamamos a devida
attenção dos leitores.

TELEGRAMMAS

(Das folhas de Montevideo)
RIO, 15.

O ministro da guerra prohi-
bio que se deem *lunches* ou *pic-*
nics nos quartéis dos corpos de
linha.

O fim desta medida é evitar
que se reproduzam factos ana-
lagos ao que occorreu ha pou-
cos dias por occasião de uma
festa de despedida promovida
pelos officios do 24º batalhão
de infantaria ao coronel Ta-
mantarino, o qual, em conse-
quencia dos ultimos successos,
foi destituido do commando
desse batalhão.

No *lunch* offerecido então
a officialidade do corpo saudou
enthusiasticamente ao mare-
chal Peixoto, facto esse que os
jornaes criticaram severamen-
te pela significação que tinha
naquelle momento.

Foi publicada a repre-
henção feita pelo governo ao
general Ewerton de Quadros
pelo termino em que está con-
cebida a ordem do dia com a
qual deu conta de sua demis-
são do commando da Escola
Militar. O general Quadros
foi reformado á seu pedido.

Os jornaes publicam de-
talhes sobre a revolução ul-
timate abortada aqui.
Do que se tem publicado,
não deixa duvida de que o ma-
rchal Floriano, não só dirigiu,
mas, ao menos alentava os tra-
balhos.

Os bancos emissores da
Bahia, Pernambuco e S. Pau-
lo apresentaram ao governo
uma longa exposição pedindo
a indemnisação de 31.000 con-
tos pelos prejuizos soffridos
durante a guerra.

O ministro da fazenda orle-
nou a indemnisação, reduzi-
do a 4.000 contos, porém os
bancos recorrem aos tribu-
naes.

